

Dilema para ir votar

Absolutamente calma ontem, com pequeno movimento de cabos eleitorais, Samambaia continuava a mesma. Junto a um chafariz, com água escorrendo e arrastando terra, Raimunda Mendes lavava roupas e informava haver decidido sem muita dificuldade que posição tomar diante de um dilema: ex-moradora da invansão do Ceub, ela tinha de decidir se comprava açúcar ou tomava um ônibus e ia votar na Asa Norte. "Na minha terra, em tempo de política, tem condução até pro inferno", espantava-se com uma ponta de saudade das festanças dos coronéis do Maranhão, que deixou para trás há dez anos.

Ano passado, "de barriga", fora votar em Collor, porque era "dever". Mas este ano, explicou, já há mais uma criança, o marido arranjou emprego de carteira assinada re-

centemente depois de quatro meses de desemprego. O dinheiro que havia, mal dava para o açúcar e para o gás. "Aproveitei pra lavar roupa. Amanhã, vou trabalhar e os meninos ficam em casa, comendo". E assim foram-se três sufragios por água abaixo: dos quatro votantes da família, só o marido cumpriu a obrigação, porque a empresa em que trabalha forneciu o transporte.

Em quem votaria, Raimunda não sabe bem. Seu "preferido" era Roriz, mas ela sempre votou "no mais facilzinho" — ou seja, o primeiro da lista: Saraiva, do PT. Com voto certo ou errado, o que lhe bateu nestes dias foi a lembrança de outras eleições, no Maranhão, há mais de dez anos. "Nunca mais passei uma política lá. Tô com saudade. Aquilo sim, era festança", refletiu, com ar sonhador. (M. C.)